



PAULO ROCHA

cinemateca

7 - 31 março 2014



Paulo Rocha (1935-2012) deu, juntamente com Fernando Lopes, os passos que puseram em marcha o Cinema Novo Português nos anos sessenta. Faz parte da história do cinema português, é-lhe consanguíneo, marcou-o ao longo das seis décadas que mediaram OS VERDES ANOS (1963) e SE EU FOSSE LADRÃO... ROUBAVA (2012), afirmando-se como um dos grandes autores do cinema moderno. A sua obra compõe um olhar de conjunto sobre a “portugalidade”, a partir de uma série de encontros e de choques: entre o país urbano e o país rural, ou entre a modernidade cultural e as tradições populares, por vezes em diálogo com as formas e expressões culturais exógenas, como sucede nos seus filmes (notoriamente em A ILHA DOS AMORES) que refletem a presença portuguesa no Extremo Oriente, também a partir de uma vivência pessoal. É também uma obra marcada pela estética da colagem, pela primeira vez trabalhada em POUSADA DAS CHAGAS.

Nascido no Porto, é nessa cidade, em 1955, que “descobre” o cinema numa projeção de JIGOKU MON /AMORES DE SAMURAI de Teinosuke Kinugasa. A cinefilia pratica-a em Lisboa, onde frequenta a Faculdade de Direito e integra o grupo de universitários católicos reunidos no CCU (Cine Clube Universitário), antes de partir para Paris, onde é espectador assíduo da Cinemateca, se licencia em realização no IDHEC (Institut des Hautes Études Cinématographiques), e é assistente de Jean Renoir em LE CAPORAL ÉPINGLÉ (1962), rodado em Viena de Áustria. Fica “a dever tudo ao Renoir, visto e revisto” e tem um fundamental contacto com os filmes de Kenji Mizoguchi. Por mestre português, elege Manoel de Oliveira, com quem colabora em A CAÇA e sobretudo ACTO DA PRIMAVERA, no seu regresso a Portugal em 1961. Inicia-se na realização, pela longa-metragem, com OS VERDES ANOS, um filme lisboeta, que surge como a primeira decisiva lufada de ar fresco do cinema português. Será sobretudo realizador de longas-metragens de ficção, assinando

as obras que as notas seguintes apresentam dando igualmente conta do seu percurso, feito de passos portugueses e japoneses (faz várias viagens ao Japão tomando contacto com a cultura do país; é adido cultural da Embaixada de Portugal em Tóquio entre 1975 e 1984). Primeiro produzido por António da Cunha Telles (OS VERDES ANOS, MUDAR DE VIDA), associa-se ao Centro Português de Cinema (POUSADA DAS CHAGAS), concebendo a sua própria estrutura de produção a partir de A ILHA DOS AMORES. A Suma Filmes – ou a Gafanha Filmes, no caso de SE EU FOSSE LADRÃO... ROUBAVA – assume o quadro da sua atividade de produtor-realizador, também produzindo realizadores como Edgar Feldman, Manuel Mozos, Rita Azevedo Gomes ou João Viana. Como ator, Rocha colaborou com alguns destes realizadores, mas também Jorge Silva Melo (PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO) Manoel de Oliveira (FRANCISCA, LE SOULIER DE SATIN), João Canijo (TRÊS MENOS EU), Fernando Lopes (O FIO DO HORIZONTE) ou Raquel Freire (RASGANÇO). Da sua biografia constam ainda a direção do Centro Português de Cinema nos anos setenta e a passagem pela Escola Superior de Cinema onde marca gerações de futuros realizadores, não menos impressionados pelos seus filmes.

Na sua grande maioria, os filmes desta retrospectiva são apresentados em cópias novas, depositadas ou resultantes de processos de preservação. OS VERDES ANOS e MUDAR DE VIDA, que em breve terão reposição comercial em novas cópias digitais, vão ser projetados em cópias novas 35mm. SE EU FOSSE LADRÃO... ROUBAVA teve a sua primeira apresentação pública em Portugal na Cinemateca, em janeiro de 2014, não sendo exibido agora dada a sua iminente estreia comercial.

## OS VERDES ANOS

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Rui Gomes, Ruy Furtado, Paulo Renato

Portugal, 1963 – 85 min

“É a história da iniciação de dois jovens provincianos nos problemas da cidade e do amor” (Paulo Rocha), “um filme do subterrâneo contra a altura, (...) sobre a ascensão e o mergulho” (M.S. Fonseca), “a matriz do cinema português, a sua pedra angular” (João Bénard da Costa). O primeiro filme de Paulo Rocha é um olhar sobre Lisboa, desencantado, terno e amargo. O filme que, juntamente com BELARMINO, de Fernando Lopes, marca o arranque do Cinema Novo Português e o começo de uma nova geração de atores e técnicos do cinema português (o único profissional na equipa é o diretor de fotografia, Luc Mirot), foi a primeira das produções portuguesas Cunha

Telles. Com diálogos de Nuno de Bragança, é também indissociável do tema original de Carlos Paredes, na sua primeira composição para cinema. Premiado no festival internacional de cinema de Locarno onde estreou em 1964.

Sex. [7] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro

## MUDAR DE VIDA

de Paulo Rocha

com Geraldo Del Rey, Maria Barroso, Isabel Ruth, Constança Navarro

Portugal, 1966 – 93 min

Filmada no Furadouro, também creditada como uma Produção Cunha Telles, a segunda longa-metragem de Paulo Rocha é um filme onde ecoa em surdina a guerra colonial, com a história de um homem que regressa ao país e se reencontra dificilmente com a sua aldeia natal, por onde também passam sinais de um desejo

de mudança. Mudança de vida, mudança de cinema. Depois de OS VERDES ANOS, novo fortíssimo retrato de um país e de um tempo, numa obra que convida incessantemente a novas visões e avaliações. “Se OS VERDES ANOS é um filme de condenação, MUDAR DE VIDA é um filme de redenção [...]”. É o seu primeiro filme em que a influência do cinema japonês é visível, quase sempre quando não se espera, com a mesma rebeldia no feminino das heroínas de Mizoguchi, é também o filme onde o realizador melhor absorve as lições da Nouvelle Vague. (...) É a sua primeira e radical colagem, conduzida pela poética de António Reis, autor dos mais belos diálogos do cinema português” (João Bénard da Costa).

Sáb. [8] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro

## COMO SERVIR O VINHO DO PORTO

Portugal, 1966 – 9 min

## SEVER DO VOUGA UMA EXPERIÊNCIA

locação de Alexandre O’Neill

Portugal, 1971 – 30 min

## POUSADA DAS CHAGAS – UMA REPRESENTAÇÃO SOBRE O MUSEU DE ÓBIDOS

com Luís Miguel Cintra, Clara Joana

Portugal, 1971 – 17 min

de Paulo Rocha

*duração total da sessão: 56 min*

A sessão reúne três “filmes de encomenda”, dos quais os dois primeiros são títulos que Paulo Rocha não renegou mas sempre foi reticente em considerar verdadeiramente “seus”, sendo que, encomendado pelo Grémio de Exportadores de Vinho do Porto e descrito pelo seu título, COMO SERVIR O VINHO DO PORTO não consta sequer da sua filmografia oficial. Em SEVER DO VOUGA, realizado com o patrocínio da Shell Portuguesa e supervisão creditada a Manoel de Oliveira, aborda-se a

questão agrícola em Portugal, sublinhando os problemas devidos à má qualidade das alfaías e das sementes e propondo como solução a mecanização e a criação de uma cooperativa. Encomendado pela Fundação Gulbenkian a Paulo Rocha, filmado já depois do início das viagens ao Japão começadas a seguir a MUDAR DE VIDA, e com Jorge Silva Melo na assistência de realização, POUSADA DAS CHAGAS – UMA REPRESENTAÇÃO SOBRE O MUSEU DE ÓBIDOS, baseia-se em textos de Camões, Pessoa, Garcia Lorca, Rimbaud, Mário Cesariny, Lao Tzu, Tao Chien, Mumon, e é fulgurantemente interpretado por Luís Miguel Cintra e Clara Joana. “A ILHA [DOS AMORES] e a POUSADA são filmes ópera, neo-kabuki (...) numa estética de excesso que tem a ver com certos caminhos da arte moderna em que o dispêndio de energia tenta refundir fragmentos de um mundo fraturado” (Paulo Rocha). Fruto da aliança entre a Fundação Gulbenkian e o Cinema Novo, estreia numa histórica sessão de 1972 com O PASSADO E O PRESENTE de Manoel de Oliveira.

Seg. [10] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro

## A ILHA DOS AMORES

de Paulo Rocha

com Luís Miguel Cintra, Clara Joana, Zita Duarte, Jorge Silva Melo, Paulo Rocha, Yoshiko Mita

Portugal, 1982 – 169 min

Primeira produção Suma Filmes (fundada por Rocha, produtora ou coprodutora de todos os seus filmes exceto quando assinalado nas notas posteriores), A ILHA DOS AMORES, cujo primeiro projeto foi apresentado à Gulbenkian em 1972, foi filmado em Portugal e no Japão quase dez anos depois de POUSADA DAS CHAGAS, longamente preparado durante os anos em que Paulo Rocha foi adido cultural da embaixada de Portugal em Tóquio (1975-1984). *Film fleuve*, compõe-se em nove cantos e é um filme inspirado na vida e obra do escritor Wenceslau de Moraes, que saiu de Portugal nos finais do século XIX para buscar no Japão

uma “arte de viver” que conciliasse o material e o espiritual. Uma das obras mais arriscadas do cinema português, em que o trabalho de mise en scène é sobretudo realizado no interior dos próprios planos. “Cantos de Os Lusíadas, de Pound, de Chu Yuan (...) Era um pouco megalómano: juntar todas as culturas, todas as artes, todos os estilos, todas as línguas. Mas lá estavam o Moraes e a Ko-Háru, o gato e o pássaro de O-Yoné, o pintor impotente, para darem humanidade ao décor excessivo” (Paulo Rocha). Estreou mundialmente no festival de cinema de Cannes, estreando no circuito comercial português apenas em 1991 no contexto de uma “Operação Paulo Rocha”, numa iniciativa de Paulo Branco. Teve um assinalável êxito no Japão, onde foi descrito como “a unificação da memória coletiva da humanidade”.

Sex. [14] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro

## A ILHA DE MORAES

de Paulo Rocha

com Eiki Matsumura, Jakuchō Setuchi, Armando Martins Janeira, Adelaide Moraes Costa

Portugal, 1984 – 102 min

Paulo Rocha voltou ao escritor Wenceslau de Moraes depois de A ILHA DOS AMORES, filme com que A ILHA DE MORAES estabelece um diálogo íntimo. Para filmar a vida e obra do escritor português que viveu no Extremo Oriente, Paulo Rocha filmou documentos e lugares vividos pelo escritor, confrontando-os com os textos de Moraes e com o seu A ILHA DOS AMORES. “Como A ILHA DOS AMORES – tudo, como disse, parte dela, mas tudo também não cessa de voltar a ela – este é um filme sobre Portugal e a Europa e o Oriente, sobre os séculos XVI e XIX, sobre o próprio século XX e a mudança (...), sobre a mulher e sobre a morte, sobre a viagem e o conhecimento, sobre a História e os documentos” (José Manuel Costa).

Sáb. [15] 22:00 | Sala Luís de Pina

Seg. [17] 19:30 | Sala Luís de Pina

## O DESEJADO OU AS MONTANHAS DA LUA

de Paulo Rocha

com Luís Miguel Cintra, Caroline Chanioleau, Jacques Bonnaffé, Manuela de Freitas, Isabel Ruth, Duarte de Almeida

Portugal, França, 1987 – 122 min

Inspirado numa das mais famosas obras da literatura japonesa, o *Genji Monogatari*, associado ao mito nacionalista do Desejado. Com argumento e diálogos de Jorge Silva Melo e Manuel Lucena, o filme é uma história de jogos de poder, logo de sedução e de política, por onde se vê, em filigrana, muito da história de Portugal num passado recente. “É um filme imperfeito, mas na mesma aceção que leva a chamar imperfeitas às capelas da Batalha. [...] Portugal, 1982, ainda podia ser o fogo renovador da Ilha. Portugal, 1987 – ano da Europa – só já pode ser o eco que em eco nos converte. Uma beleza imensa, mas disseminada” (João Bénard da Costa). Estreou mundialmente no festival internacional de cinema de Veneza em 1987.

Ter. [18] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro

## MÁSCARA DE AÇO CONTRA ABISMO AZUL

de Paulo Rocha

com Vítor Norte, Fernando Heitor, Inês de Medeiros, Miguel Guilherme, José Viana, Henrique Viana

Portugal, 1988 – 64 min

Quase vinte anos depois de POUSADA DAS CHAGAS, Paulo Rocha regressou a uma surpreendente colagem sobre o modernismo português, centrado em Amadeo de Souza-Cardoso. Entre a reconstituição dos anos do Orfeu e do manifesto futurista, a montagem de uma exposição na Gulbenkian e um onirismo jugulado, Rocha propôs uma das mais singulares e fascinantes visões desse mundo de cores e metais, tão saudosista quanto anarquizante, tão altaneiro quanto inseguro. Foi mostrado em Pesaro em 1989, no contexto de uma retrospectiva dedicada ao cinema português.

Qui. [20] 19:30 | Sala Luís de Pina

Seg. [24] 22:00 | Sala Luís de Pina

## PORTUGARU-SAN, O SENHOR PORTUGAL EM TOKUSHIMA

de Paulo Rocha

com Álvaro Faria, Ângela Pinto, Isabel Fernandes, Bruno Cochat, Silvína Pereira, Alfredo Brito, Júlio Martin Portugal, 1995 – 75 min

Foi o primeiro filme rodado em vídeo de Paulo Rocha, baseado no espetáculo sobre Wenceslau de Moraes, *Portugaru-San* do Teatro Maizum, com dramaturgia e encenação de Silvína Pereira a partir de uma colagem de textos do escritor. Uma produção do Teatro Maizum e da Rosa Filmes, também coprodutora do seguinte SHOHEI IMAMURA, LE LIBRE PENSEUR. “Como resolveria Paulo Rocha as relações de interioridade e exterioridade com um objeto que, sendo ‘seu’ – ‘o meu Wenceslau’ – se encontra aqui noutras mãos que remetem o cineasta para a condição de ‘quase-espectador’? Neste sentido PORTUGARU-SAN é, num dos seus ângulos mais estimulantes, uma espécie de ‘crónica’ do relacionamento de Paulo Rocha com a peça do Teatro Maizum. [...] Paulo Rocha consegue algo de decisivo: imprimir um ritmo visual – e apetece dizer que também um ritmo narrativo – que transforma PORTUGARU-SAN num filme que já não precisa do seu objeto – a peça – para viver. Ganhou uma vida própria e exuberante” (Luís Miguel Oliveira).

Qui. [20] 22:00 | Sala Luís de Pina

## OLIVEIRA L'ARCHITECTE

*Oliveira o Arquitecto*

de Paulo Rocha

com Manoel de Oliveira, Duarte de Almeida, Leonor Silveira Portugal, Alemanha, França, 1993 – 78 min

Paulo Rocha realizou dois filmes para a notável série francesa “Cinéma de Notre Temps”, sobre Oliveira, fundamental referência do seu cinema, e sobre Imamura, por cuja obra tinha grande admiração. Este foi o primeiro, filmado em Lisboa (na Cinemateca) e no Douro (de Oliveira, quando preparava VALE ABRAÃO), e é apresentado como a reunião de dois homens

do cinema português contemporâneo. Foram feitas duas versões, e o filme teve estreia em sala numa versão para cinema mais longa do que a transmitida como emissão da série, e é esta a versão que vamos ver. “Não queria nada de didático, de retrato explicativo. Queria um ramo de flores venenosas, uma salva de palmas para o velho mestre canibal” (Paulo Rocha).

Sex. [21] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro

## O RIO DO OURO

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Lima Duarte, Joana Bárcia, João Cardoso, Filipe Cochofel, José Mário Branco

Portugal, França, Brasil, 1998 – 95 min

Inspirado em cantigas populares, romances de cordel e dramas “de faca e alguidar”, O RIO DO OURO (um projeto acalentado por Rocha desde OS VERDES ANOS) foi aclamado pela crítica depois da sua estreia mundial em Cannes, sendo, para alguns, a obra-prima de Paulo Rocha. Um filme possuído por uma força telúrica, onde pulsam a paixão e a violência, dominado pela “parte maldita”, com a paisagem do rio Douro ao fundo. E a outro fundo tudo arrasta Isabel Ruth, Carolina, nome suave para tais voos de bacante. “De certo modo, transfigura MUDAR DE VIDA, como transfigura Isabel Ruth” (João Bénard da Costa). Foi o filme do regresso de Paulo Rocha à ficção ao cabo de uma década em que lhe foi impossível realizar projetos como “O Naufrágio de Sepúlveda” sobre a história trágico-marítima portuguesa e é também o filme do começo da sua colaboração na escrita com Regina Guimarães (uma constante na obra de Rocha até SE EU FOSSE LADRÃO... ROUBAVA).

Sáb. [22] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro

## A RAÍZ DO CORAÇÃO

de Paulo Rocha

com Luís Miguel Cintra, Joana Bárcia, Isabel Ruth, Melvil Poupaud

Portugal, França, 2000 – 118 min

Lisboa por Paulo Rocha, mais de trinta anos depois de OS VERDES ANOS. Um candidato da extrema-direita à Câmara Municipal, que também veste as roupagens de Santo António, trava uma luta cerrada com um grupo de travestis que lhe fazem oposição política. Filmado em cores luxuriantes, A RAÍZ DO CORAÇÃO é também dilaceradamente sombrio. “É o filme da suprema beleza, é o filme que ousa olhar a beleza pela beleza e extasiar-se nela. (...) Em A RAÍZ DO CORAÇÃO a parada sobe ao máximo, como os travellings do filme, atravessando todos os espaços e tempos, toda a vida das formas. E é uma beleza desmedida, uma estética de excesso, a única que podia servir de âncora para personagens e histórias tão excessivas e tão desmedidas” (João Bénard da Costa). Estreou no festival internacional de cinema de Locarno em 2000.

Ter. [25] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro

## MARGINÁLIA

de Saguenail

Portugal, 1998 – 140 min

Rodado na região do Douro e na cidade do Porto durante as filmagens de O RIO DO OURO, que Saguenail e Regina Guimarães acompanharam, MARGINÁLIA (uma produção Hélastre e Suma Filmes) é constituído por quatro videogramas em torno da rotação do filme de Paulo Rocha “que exploram as margens do RIO DO OURO e expõem sucessivamente o projeto, o método, as dificuldades e o resultado” (Saguenail, Regina Guimarães). O primeiro segmento (PREÂMBULO) centra-se numa longa entrevista a Rocha. Os restantes intitulam-se DEDICATÓRIA, RODAPÉ e ÍNDICE.

Qui. [27] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro

## SHOHEI IMAMURA, LE LIBRE PENSEUR

de Paulo Rocha

com Shohei Imamura

França, 1995 – 60 min / legendado eletronicamente em português

Graças à sua experiência japonesa nos anos setenta e oitenta (onde viveu e filmou A ILHA DOS AMORES) e ao seu conhecimento e gosto pelo cinema de Imamura, Paulo Rocha realizou este segundo filme para a série “Cinéma de Notre Temps” (com produção portuguesa da Rosa Filmes) regressando ao Japão para o encontro com o cineasta a filmar, o que não deixa de ser, também, um confronto com o seu próprio passado. Assim o entendeu Rocha: “De volta a Lisboa, na minha sala de montagem, pude começar o verdadeiro trabalho: cruzar as vozes e as imagens do Imamura de hoje com as do Imamura do passado, procurar as contradições, as ironias, as metáforas, os acasos poéticos, dinamitar o documento, fazer triunfar a verdade da ficção.”

Sex. [28] 22:00 | Sala Luís de Pina

Sáb. [29] 19:30 | Sala Luís de Pina

## CAMÕES – TANTA GUERRA, TANTO ENGANO

com Augusto Portela, Isabel Fernandes, Julio Martin, Silvína Pereira

Portugal, 1998 – 54 min

## AS SEREIAS

Portugal, 2001 – 33 min

de Paulo Rocha

*duração total da sessão: 87 min*

A sessão reúne os dois títulos respetivamente filmados antes de O RIO DO OURO e depois de A RAÍZ DO CORAÇÃO. CAMÕES – TANTA GUERRA, TANTO ENGANO surge na sequência da aproximação de Paulo Rocha ao Teatro Maizum como um registo em vídeo do espetáculo teatral homónimo com quatro atores no Convento dos Inglesinhos e argumento de Silvína Pereira a

partir de Camões, agora coproduzido com o Teatro pela Suma Filmes. Exibido no festival internacional de cinema de Turim em 1998, onde foi apresentado como um vídeo filmado por uma jovem equipa comandada por Paulo Rocha, em que “cada plano se torna um mundo, uma aventura em que a poesia, as vozes, os corpos, se reinventam num espaço que está para além da razão”. Realizado no contexto da Porto 2001 Capital Europeia da Cultura, estreado mundialmente no festival de Roterdão desse ano, AS SEREIAS segue uma noite de solstício de verão no Porto – a noite de São João de junho de 2000, a mais popular festa da cidade. Rocha quis filmar “essa coisa mágica e pagã que é a noite mais curta do ano, em que a natureza, as águas, as plantas ganham valores de exaltação da vida”. Primeiras exposições na Cinemateca.

Sáb. [29] 22:00 | Sala Luís de Pina

## VANITAS

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Joana Bárcia, Filipe Cochofel, Pedro Miguel Silva, João Pedro Bénard

Portugal, 2004 – 100 min

Lúgubre, insano, demente, desmesurado, cheirando a incenso e óleos, crepuscular, tétrico, fantomático, desgarrado, este filme desequilibrado, rasgado, filme roto, filme nu, filme irredutível, dorido e cantável, imensa melodia da passagem decrescente dos dias, será o filme mais amaldiçoado do mais amaldiçoado dos grandes cineastas modernos, Paulo Rocha. A ele se aplica o que Duras dizia de Montgomery Clift: “Só espero que haja cada vez mais homens que tremem como ele.” O título completo é VANITAS OU O OUTRO MUNDO e foi apresentado no festival internacional de cinema de Turim em 2004.

Seg. [31] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro

## SE EU FOSSE LADRÃO... ROUBAVA

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Luís Miguel Cintra, Márcia Breia, Chandra Malatitch, Raquel Dias, Carla Chambel, Joana Bárcia, Miguel Moreira, Norberto Barroca

Portugal, 2012 – 87 min

Partindo da memória familiar e da matéria dos seus filmes, Paulo Rocha revisita as suas origens e as referências maiores da sua vida e obra, numa construção complexa, que é conscientemente testamental embora só indiretamente autobiográfica. O motor inicial do filme é a evocação da infância e juventude do pai do autor, em particular o sonho obsessivo deste, na altura partilhado por muitos, de emigrar para o Brasil, para onde partiu efetivamente em 1909. Mas este tema familiar cruza-se desde o início com o grande mundo da obra de Rocha, num puzzle de raccords temáticos que se dirige para dentro e para trás (a busca do centro ou da origem) tanto quanto para fora (a constante ampliação de sentido, a identidade de um país). Paulo Rocha fala portanto da sua própria necessidade de partir, e da interrogação de Portugal através da distância, assim como fala da morte, mas também da doença e de um medo tornados endémicos, corrosivos de um país. Produção da Gafanha Filmes, estreou mundialmente no festival internacional de cinema de Locarno 2013.

[apresentado na Cinemateca em janeiro de 2014]

Programa sujeito a alterações.

Horário da bilheteira:

seg./sáb., 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00

Não há lugares marcados

Bilhetes à venda no próprio dia

Classificação Geral dos Espectáculos: maiores de 12 anos  
Rua Barata Salgueiro 39 em Lisboa | [www.cinemateca.pt](http://www.cinemateca.pt)

